

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/home.htm>

ENTREVISTA COM GUILHERME BRIGGS

<http://www.guilhermebriggs.com>

Dublador, diretor de dublagem, locutor e tradutor, o carioca Guilherme Briggs ainda criança aproveitava seus fins de semana para criar personagens, escrever roteiros e desenhar. Sua ligação com as artes e sua criatividade vêm, portanto, desde a infância. Seu contato com a tradução começou ainda na adolescência, quando traduzia vários artigos, reportagens e matérias interessantes que saíam em publicações estrangeiras para o jornalzinho de seu colégio. Começou a traduzir porque a maior parte das coisas de que gostava estava em inglês: assuntos relacionados à arte, ciência, filosofia, história, cinema, histórias em quadrinhos, livros e desenhos animados. No final da década de 1990, fez suas primeiras traduções profissionais: o capítulo de um livro sobre os bastidores de *Star Trek (Memórias dos Filmes de Jornada nas Estrelas, de William Shatner)*. Experiente e versátil, Guilherme Briggs traduz filmes e seriados com muito zelo e, ao mesmo tempo, com muita criatividade. Neste entrevista, ele nos fala um pouco de suas experiências em tradução e dublagem.

Palimpsesto:

O tema da edição 17 de nossa revista é “Semântica: da estrutura ao discurso, o lugar da significação”, em que propomos uma discussão sobre os aspectos semânticos em diferentes textos, além da importância da Semântica na negociação cotidiana e/ou criativa dos significados na sociedade. Diante desse tema, veio-me à mente o processo de tradução (em que o tradutor lida com modos diferentes de ver o mundo e de lidar com a realidade) que trabalha exatamente com essa “negociação criativa dos significados na sociedade”. A tradução para dublagem pareceu-me ainda mais interessante, pois lida com a língua falada. Você poderia nos dizer em que a tradução para a dublagem é diferente da tradução de um livro, por exemplo?

Guilherme Briggs:

A tradução para dublagem segue a linha cinematográfica, que é diferente da literária, esta deve levar em conta o sincronismo labial. Portanto, o diretor e o dublador têm que fazer adaptações no texto, para encaixá-lo melhor na boca do personagem.

Recentemente eu trabalhei na adaptação cinematográfica de *O Hobbit*, de Tolkien, e foi notável o uso da maioria das falas originais do livro. Procuramos seguir a tradução mais conhecida no país, para manter uma uniformidade e seguir alterando uma coisa ou outra, levando-se em conta o sincronismo. Vale lembrar toda a sequência em que Bilbo se encontra com Gollum, onde eles apostam a saída do hobbit do lar da criatura por meio de charadas, ou “adivinhas”.

Palimpsesto:

O que requer muita criatividade e um bom conhecimento das duas línguas em questão, eu imagino.

Guilherme Briggs:

Sem dúvida alguma.

Palimpsesto:

Você dirigiu os dois longas-metragens mais recentes da série *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*). Como é traduzir um filme de ficção científica, que usa termos científicos verdadeiros e/ou fictícios? Você poderia dar alguns exemplos desses termos, dizendo o que significam (principalmente termos típicos de filmes de ficção científica, e não termos realmente científicos)?

Guilherme Briggs:

Para esse trabalho é necessária uma pesquisa cuidadosa, pois termos científicos vão sendo atualizados de acordo com descobertas recentes. Eu procuro também comprar dicionários específicos, científicos, para ter em casa e consultar sempre que preciso. Na parte da tradução dos jargões fictícios tivemos reuniões e troca de *e-mails* com o nosso cliente para chegar a um senso comum sobre como ficariam os termos técnicos e científicos. Muitos nomes foram criados para o universo de *Star Trek*, como *naceles* (na nave espacial *Enterprise*, os dois tubos que se estendem pelas laterais, como se fossem as “asas”) ou *phasers* (arma padrão dos membros da Frota Estelar, geralmente com intensidade de tiro para tontear - *on stun* - ou matar - *set to kill*) ou mesmo o famoso *turboelevador* (*turbolift*, no original).

Existem momentos cômicos na história das traduções de *Star Trek*, como em 1979, quando traduziram *dilithium crystals* (cristais de dilithium) como “cristais delirantes”, ou em 1966, durante um episódio da série clássica, em que o membro russo da nave se referia aos “vasos de guerra Klingon”, quando na verdade ele estava falando das “naves de guerra Klingon” (em inglês: *vessels*).

Nos ‘vozerios’ (termo usado em dublagem para se referir a falas ao fundo, indistintas ou não) dos dois filmes recentes de *Star Trek*, como nosso cliente não nos enviou nada no *script*, eu tive que criar uma série de frases para serem faladas pelos dubladores, para que eles não ficassem perdidos (de modo geral, os vozerios são improvisados, mas seria praticamente impossível improvisar usando termos científicos). Estas foram algumas (lembrando que são totalmente fictícias):

“REINVERTER A POLARIDADE, REPASSAR TODOS OS DADOS E ACUMULAR A BASE DE INFORMAÇÕES FISIOLÓGICAS NO SERVIDOR DO TELETRANSPORTE.”

“SENSORES GRAVITACIONAIS ISOLADOS, RECONHECIMENTO ESTABELECIDO, PASSAR PARA O NÍVEL 2 DE AMPLITUDE.”

“TRAVAR SINAL E CALCULAR MOVIMENTO ALEATÓRIO DA MATÉRIA. TRANSFERÊNCIA DE ENERGIA PARA COMPENSAR PADRÃO DE RECONHECIMENTO DE MATÉRIA SECUNDÁRIA.”

“ACIONAR CÉLULAS 2, 3 E 5 DO CAMPO DE ATUAÇÃO DE POLÍMEROS.”

“MATÉRIA EM FORMAÇÃO NO NÍVEL PRIMÁRIO. INICIAR PROCESSO DE RECONHECIMENTO DE DNA NO BANCO DE DADOS DA PLATAFORMA.”

Palimpsesto:

Cada língua tem suas expressões idiomáticas, sua forma de 'ver as coisas'. Por exemplo, quando dizemos, em português, que 'está tudo azul', queremos dizer que 'está tudo bem'. Em inglês, porém, a palavra 'blue' (azul) significa, entre outras coisas, 'melancolia', 'depressão'. Como lidar com essas diferenças de sentido, no momento da tradução?

Guilherme Briggs:

Nesse momento, deve-se estar com a mente aberta, descansada, para poder encontrar saídas criativas, como pesquisar expressões nacionais e seus correlativos em inglês, perguntar a outras pessoas, etc. É como sempre digo: um diretor de dublagem, um dublador e um tradutor devem sempre ter espírito de pesquisador. Isso faz toda a diferença na qualidade final do trabalho. Muitos clientes nossos enviam arquivos de planilhas de *Excel* com todos os pontos mais delicados e complicados das adaptações. O que é interessante e ajuda muito é que o mundo inteiro que está dublando determinado projeto interage, trocando informações. Muitas vezes eu encontrei soluções na planilha do México, da França ou mesmo de algum outro país inesperado. Acaba existindo um esforço em comum entre mais de 40 países para as adaptações, deixando a experiência deliciosa, com certeza. Para mim é um grande prazer poder acompanhar filmes que são tratados com tanto cuidado pelo nosso cliente.

Palimpsesto:

Muitas vezes, no texto original, aparecem vários trocadilhos, que obviamente só fazem sentido na língua original. Como traduzir esses trocadilhos, de modo que façam sentido na língua para a qual o texto está sendo traduzido e que a ideia original seja mantida? Isso é sempre possível?

Guilherme Briggs:

Isso varia bastante. Há vezes que deparamos com coisas que são verdadeiros desafios e precisamos achar uma saída que encaixe no sincronismo, aumentando ainda mais o grau de dificuldade. O grande problema está quando aparece uma imagem ou o texto escrito na tela.

Por exemplo, em *Friends*, os personagens, em um determinado episódio, estavam jogando *Imagem e Ação* e um deles desenhou um grãozinho (como se fosse um feijão). O nome do filme era *The Unberable Lightness of Being* (A Insustentável Leveza do Ser), brincando com o som parecido de “being” (ser) e “bean” (feijão). Nossa saída foi colocar “GRÃOdes esperanças” (*Grandes Esperanças*), um filme com a Gwyneth Paltrow, que era famoso na mesma época de *Friends*.

Em *Star Trek*, o capitão Kirk usa a expressão “*the last straw*”, referindo-se a uma série de problemas técnicos e burocráticos que a *Enterprise* estava tendo, por conta de alguns torpedos misteriosos que foram embarcados. A expressão em inglês (algo como “o finzinho de algo que se está tomando com canudo”, o que não faz sentido para nós) foi traduzida como “a gota d’água”, que tem um sentido muito próximo ao da expressão original. Em outro momento, Kirk, estressado e magoado, diz para a personagem Spock “*why don’t you throw me under the bus?*” (‘Por que você não me joga embaixo do ônibus?’). A expressão americana não fazia sentido para nós, então optei por algo mais básico e simples como “não quer piorar ainda mais a minha vida não?”.

Palimpsesto:

Há alguma situação de tradução que você tenha achado interessante e que queira compartilhar conosco?

Guilherme Briggs:

Um caso divertido foi quando um vilão de um filme dizia a frase “*What’s up?*”, sendo que o poder dele provinha da eletricidade: “*watts*”. Na adaptação, feita pelo colega diretor e tradutor Manolo Rey, o trocadilho ficou “*Volt pegar*”.

Outro momento engraçado aconteceu no longa de animação “Tá Dando Onda” (*Surf’s Up!*), por causa do nome “Shiverpoon”, uma brincadeira com a cidade de Liverpool. Em português, por minha sugestão, virou “Frio de Janeiro”.

No longa-metragem *Star Wars* (Guerra nas Estrelas), tivemos problemas sérios com nomes, que acabam ficando até pornográficos, como *Mestre Syfo Dias* e *Conde Dooku*. No Brasil os nomes foram trocados para *Mestre Zaifo Guias* e *Conde Dookan*.

Entrevistado por: Christiane Lima da Camara Monteiro

Doutoranda em Língua Portuguesa (UERJ)